

A LENDA DA IRMÃ BÉATRIX

Charles Nodier

FREE BOOK



**CHARLES
NODIER**

**A LENDA DA IRMÃ
BÉATRIX**

**FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL –
CLÁSSICOS ESTRANGEIROS
CONTOS DE TERROR, HORROR E FANTASIA**

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR E A OBRA	10
A LENDA DA IRMÃ BÉATRIX	11
CRÉDITOS	46

SOBRE O AUTOR E A OBRA

Charles Nodier, um dos principais representantes da escola romântica francesa, foi o introdutor da narrativa gótica em seu país. Situado na gênese do movimento romântico, influenciou célebres autores, a exemplo de Paul Féval, Alexandre Dumas e Théophile Gautier.

A Lenda da Irmã Béatrix é uma narrativa fantástica. Uma jovem feira cede aos galanteios de um rapaz mundano e cai em profunda desgraça. Reduzida à miséria, é surpreendida por um acontecimento sobrenatural quando, fortuitamente, desfalece nos umbrais de um longínquo convento feminino.



A LENDA DA IRMÃ BÉATRIX

Não longe do mais alto cume do Jura¹, descendo um pouco pela sua vertente ocidental, ainda haverá meio século via-se um montão de ruínas que fora outrora a igreja

e o mosteiro de Nossa Senhora dos Espinhos Floridos. É na extremidade de uma garganta estreita e profunda, porém muito mais abrigada do lado do norte, e que por amor dessa feliz

¹ Cordilheira situada ao norte dos Alpes, alcançando os territórios da França, Suíça e Alemanha.

posição, produz-se a cada ano as primeiras e mais belas flores daquela região.

Daí a meia légua, a extremidade oposta deixa também ver as ruínas de um antigo solar de fidalgo, que desapareceu como a casa do Senhor. Sabe-se unicamente que era ocupada por uma família mui célebre em armas, e que o derradeiro dos nobres cavalheiros que lhe davam o nome morrera na conquista do sepulcro de Cristo, sem deixar herdeiros que perpetuassem o seu sangue. A sua inconsolável viúva não abandonou lugares tão próprios para alimentar sua melancolia. Todavia, a fama da sua devoção espalhou-se longe com os seus benefícios, e uma gloriosa tradição recomenda a memória dos eternos respeitos das gerações cristãs. O povo, que se havia esquecido de todos os seus títulos, ainda a chama de A SANTA.

Num desses dias em que, a ponto de concluir-se, o inverno aplaca subitamente o seu rigor, sob as influências de um céu temperado,

passava A SANTA, segundo o seu costume, pela extensa alameda do seu castelo, com o espírito embebido de meditações piedosas.

Assim, chegou até os espinheiros, que ainda hoje terminam essa alameda, e não pouco atônita ficou ao ver um desses arbustos já enfeitados com toda as suas galas de primavera. Diligente, aproximou-se para certificar-se de que essa aparência não era produzida por algum resto de neve rebelde e, encantada por ver coroados realmente o arbusto por uma imensidade de estrelinhas brancas rajadas de vermelho, cortou cuidadosamente um galho para suspendê-lo, em seu oratório, em homenagem a uma imagem da Virgem Nossa Senhora, a quem, desde a mais tenra infância, devotava grande veneração, e alegre voltou para a casa, levando essa inocente oferenda.

Ou fosse realmente agradável à divina mãe de Jesus esse pobre tributo, ou estivesse reservada uma especial, indefinível, satisfação à menor

efusão de um coração terno para quem ama, nunca a emoções tão inefáveis havia-se expandido na alma da nobre castelã do que nessa doce tarde. Por isso, pois, com ingênua alegria, assentou em voltar todos os dias ao florido espinheiro, e em trazer todos os dias novas flores. Bem se adivinha que foi ela fiel a essa promessa.

Entretanto, um dia, tendo o cuidado que dava aos pobres e aos enfermos ocupado mais tempo do que costumava, por mais que se apressasse por chegar ao seu agreste jardim, fez-se noite. E dizem que já ia sentindo o estranhamento destas solidões, quando uma claridade pura e serena, como a que espalha o despontar do dia, mostrou-lhe subitamente floridos todos os seus espinheiros.

Suspendeu imediatamente os seus passos por pensar que essa luz podia porvir de algum grupo de salteadores, pois impossível era imaginar que proviesse de algumas miríades de pirilampos, prematuramente nascidos. Longe

estava ainda dessas noites tépidas de verão. Entretanto, apresentando-se ao seu espírito a obrigação que se havia imposto, e reanimando um pouco a coragem, dirigiu-se leve, a reprimir a respiração, para o arbusto de brancas flores, onde segurou com a mão trêmula um galho, que por si mesmo pareceu desprender-se de seus dedos, e tomou o caminho de casa, sem olhar para trás.

A santa mulher levou toda a noite a refletir sobre fenômeno, mas sem conseguir explicá-lo. E como tinha tomado a peito penetrar-lhe o mistério, logo no dia seguinte, pela mesma hora, dirigiu-se para os espinheiros, acompanhada de um fiel criado e pelo seu velho capelão. Como na véspera, aí reinava a mesma branda claridade, e mais viva e radiante parecia tornar-se ao passo que dela se aproximavam. Pararam, então, e ajoelharam-se, pois entenderam que essa luz vinha do céu. Depois disso, o bom padre levantou-se sozinho, deu alguns passos respeitosos para os floridos espinhos e, cantando

um hino da igreja, separou sem esforço os galhos, pois estes se abriram como um véu. O espetáculo, que então aos seus olhos se ofereceu, causou-lhes tanta admiração que ficaram muito tempo imóveis, repassados de júbilo e gratidão.

Era uma imagem da Santa Virgem, aberta com simplicidade em um tronco grosseiro, animada com as cores da vida por pincel pouco hábil, e coberta de vestes que revelavam um luxo ingênuo. Dela, porém, emanava esse maravilhoso esplendor que iluminava os lugares circunvizinhos.

— Ave, Maria, cheia de graça... — disse enfim o capelão, prosternado. E, ao harmonioso sussurro que em todo o bosque se ouviu, pôde-se crer que os anjos em coro o repetiam.

Depois, recitou o capelão solenemente essas admiráveis ladainhas em que a fé fala, sem saber, a linguagem da mais sublime poesia. E, depois de novos atos de admiração, o sacerdote levantou a estatua nas mãos para levá-la ao castelo, em que

devia achar um santuário mais digno dela, enquanto a santa viúva e o criado, com as mãos postas e as cabeças inclinadas, acompanhavam-no lentamente, unindo-se às suas orações.

Não é preciso dizer que a milagrosa imagem foi posta em um elegante altar, rodeada de círios aromáticos, banhada com perfumes, ornada de rica coroa, saudada, até o meio da noite, pelos hinos dos fiéis. Entretanto, pela manhã, não a acharam mais, e vívido foi o terror entre todos os cristãos que, com a sua conquista de tão puro entusiasmo, haviam exultado. Por qual desconhecido pecado a morada da SANTA poderia ter merecido esse desfavor? Por que a Virgem celeste a teria deixado? Que nova morada teria escolhido? Sem dúvida, logo o adivinham. A bem-aventurada mãe de Jesus havia preferido a modesta sombra dos seus prediletos espinheiros ao brilho de uma morada mundana. Tinha voltado para o meio dos frescos bosques, para gozo da paz de sua solidão e dos suaves eflúvios

das suas flores. Todos os habitantes do castelo se dirigiram ao espinheiro à noitinha, e lá o acharam mais resplandecente que na véspera. Caíram ajoelhados, em respeitoso silencio.

— Poderosa rainha dos anjos — disse a castelã—, é essa morada que preferis. Seja feita a vossa vontade.

Pouco depois, em torno da venerada imagem, erguia-se um templo ornado com todos os enfeites prodigalizados pela arquitetura inspirada desses séculos de imaginação e de sentimento. Os grandes da terra quiseram enriquecê-lo com os seus donativos; dotaram-no os reis com um tabernáculo de ouro puro. A fama de seus milagres espalhou-se ao longe por todo o mundo cristão e por amor dela ao vale acudiu uma multidão de piedosas mulheres que se puseram sob a regra de um convento. Mais do que nunca comovida pelas luzes da graça, a santa viúva não pôde rejeitar o título de superiora dessa casa. Nela morreu cheia de dias, depois de uma

vida de boas obras, de exemplos e de sacrifícios, que se exalou aos pés dos altares da Virgem.

Tal é, pelas crônicas manuscritas da província, a origem da igreja do convento de Nossa Senhora dos Espinhos Floridos.

Dois séculos já se haviam passado depois da morte da SANTA, e uma moça de sua família ainda era, segundo o costume aceito, irmã guardiã do santo tabernáculo. Isto quer dizer que a guarda dele lhe estava confiada, e que era o seu dever abrir o tabernáculo nos dias solenes, em que a milagrosa imagem era oferecida à devoção dos fiéis. Cabia-lhe cuidar da elegância sempre nova dos seus enfeites, sacudir a poeira e os insetos malfazejos, colher, para compor sua coroa ou para ornar o seu altar, as mais graciosas de porte flores do jardim, as mais castas de cor, e dispô-las em florões, grinaldas e ramalhetes que chamavam, pela grande janela aberta ao sol no oriente, uma multidão de borboletas de púrpura e de azul, flores voadoras da solidão. Entre esses inocentes

atributos, a flor do espinheiro era sempre a preferida na sua estação, e imitada em todas as outras com uma arte cujo segredo já nesse tempo haviam as boas freiras roubado à natureza. Descansava ela, no seio da bela imagem, em abundante ramalhete atado com a fita de prata. As próprias borboletas poderiam, às vezes, enganar-se. Não se atreviam, porém, a pousar nessas flores celestiais que para elas não haviam sido feitas.

A irmã guardiã chamava-se então Béatrix. Tendo de idade os seus dezoito anos, mal teria ouvido dizer que era formosa, pois aos quinze anos entrara na casa da Santa Virgem, tão pura como as suas flores.

Há uma idade feliz ou funesta em que o coração da moça compreende que foi criado para amar. Nessa idade estava Béatrix.

Essa necessidade — a princípio vaga e inquieta — apenas lhe fizera, porém, mais a peito tomar os seus deveres. Incapaz de explicar então os secretos movimentos que a agitavam, tinha-os

tomado pelo instinto de um fervor piedoso que se acusa de não ser tão ardente quanto cumpriria, e que ainda se julga na obrigação para com o que ama, enquanto não o ama com entusiasmo e com delírio. Sua inexperiência não percebia o desconhecido objeto desses assomos, e entre os que, por assim dizer, caíam sob os sentidos (se me é lícita a expressão) de sua alma ingênua, só a Virgem Santa lhe parecia digna dessa apaixonada adoração, a qual mal podia bastar a sua vida. Esse culto de todos os momentos havia-se tornado a ocupação única do seu pensamento, o encanto único de sua solidão. Os seus sonhos eram por ele cheios de misteriosa languidez e de arroubos inefáveis. Viam-na muitas vezes prosternada diante do tabernáculo, exalando para sua divina protetora orações entrecortadas de soluços, molhando o mármore com suas lágrimas. E a Virgem celeste sorria-se sem dúvida do alto do seu trono eterno, vendo essa feliz e terna ilusão da inocência, pois a Virgem Santa gostava de Béatrix e comprazia-se em ser por ela amada. Além de

quê, talvez houvesse lido no coração de Béatrix que sempre assim seria amada.

Aconteceu nesse tempo um desastre que levantou o véu por sob o qual tanto tempo estivera culto, a ela própria, o segredo de Béatrix. Um fidalgo dos arredores, acometido por salteadores, foi deixado como morto na floresta e, embora mal conservasse as fracas aparências de uma existência prestes a extinguir-se, os criados do mosteiro levaram-no para a enfermaria. Possuindo nessa época as filhas dos fidalgos, logo nos seus primeiros anos, o formulário das receitas e a arte de pensar² os feridos, mandou a madre superiora que Béatrix fosse socorrer o agonizante. Ela empregou tudo o quanto sabia dessa útil ciência. Todavia, contava mais com a intercessão da Virgem milagrosa. E as suas compridas e afanosas vigílias, repartidas entre os desvelos da enfermeira e as orações de serva de Maria, obtiveram todo o próspero resultado que havia

² Aplicar penso; fazer curativo.

ela esperado. Raymond abriu os olhos ao dia e reconheceu a sua salvadora. Tinha-a visto algumas vezes no castelo do seu nascimento.

— Como! — exclamou. — Sois vós, Béatrix, quem torno a ver? Vós, a quem tanto amei na minha infância, e que a autorização, ai de mim, tão depressa esquecida, de vosso e do meu pai, me havia feito esperar por esposa! Que funesto acaso me fez encontrar-vos e achar-vos presa nos vínculos de uma vida que não é feita para vós, e para sempre separada dessa brilhante sociedade de que éreis o mais belo ornamento? Ah! Se por vós mesma escolhestes esse viver de solidão e abnegação, Béatrix, juro-vos que é porque ainda não conheceis o vosso próprio coração. A obrigação que contraístes, na ignorância em que estáveis dos sentimentos naturais de tudo quanto respira, é nula diante Deus, como diante dos homens. Atraiçoastes, sem sabê-lo, o vosso destino de amante, de esposa, de mãe. Condenastes-vos, mísera e querida menina, a dias

de tédio, de amargura e de enfados, cuja perene tristeza de ora em diante por nenhum prazer terá de ser mitigada! Entretanto, é tão doce amar, tão doce ser amado, tão doce reviver, porque amamos nos objetos do nosso amar! Os puros gozos de uma afeição que dobra, que multiplica a existência, a ternura de um adorado amante, que com festas novas embeleza todos os vossos momentos, que só vive para agradar-vos, para vos querer; os inocentes afagos desses lindos filhinhos tão cheios de viço e de graça, tão expansivos da alegria de existirem, e um bárbaro capricho vos terá feito condenar a nada! Eis o que perdestes, eis o que para sempre tereis perdido, minha Béatrix, se uma cega obstinação vos conservar no abismo em que caístes.

— Mas não — prosseguiu com a mais viva expansão —, não haveis de desconhecer as intenções do vosso e do meu Deus, que nos reuniu aqui para nunca mais nos separarmos! Hás de ceder aos votos do amor que vos implora e

ilumina! Sereis a esposa de Raymond, como sois sua irmã e sua amada! Não desvieis de mim vossos olhos, cheios de lágrimas! Não lhe arranques vossa mão que nas dele treme! Dizei-lhe que estás pronta para acompanhá-lo, para nunca mais deixá-lo!...

Béatrix não respondeu. Não tinha podido achar expressões que dissessem o que sentia. Separou-se dos enfraquecidos braços de Raymond, retirou-se perturbada, anelante, palpitando, e foi arrojarse aos pés da Virgem, sua consolação e seu apoio. Aí desfez-se em pranto como anteriormente. Já não era, porém, de comoção desconhecida e sem objeto esse pranto: era um sentimento mais poderoso que a devoção, mais poderoso que o opróbrio, mais poderoso — ai, mísera! — que essa Virgem Santa cujo auxilio debalde invocava. E suas lágrimas desta vez eram ardentes e amarguradas. Viram-na muitos dias consecutivos prosternada e suplicante: não causou, porém, admiração, pois todos no

convento conheciam a sua apaixonada devoção. O resto das suas horas, passava-os na câmara do ferido, cujo curativo, aliás, já não exigia tão assíduos cuidados.

Uma noite, à hora em que a igreja está fechada, em que todas as freiras estão recolhidas em suas celas, em que tudo se cala, até a oração... aí se dirige Béatrix para o coro com vagaroso passo. Ei-la, que larga sobre o altar a sua lâmpada. Ei-la, que com a mão trêmula abre a porta do tabernáculo, e desvia-se dele, abaixando os olhos, como se receasse ser pelos olhos da rainha dos anjos fulminada. Ei-la, enfim, que se prostra no chão.

Quer falar, mas lhe morrem nos lábios as palavras, ou perdem-se entre soluços. Com o seu véu, com as suas mãos, envolve a sua fronte. Procura sossegar, acalmar-se. Tenta um derradeiro esforço: consegue arrancar do coração alguns sons confusos, sem saber se é uma oração ou se uma blasfêmia o que profere.

— Ó celeste benfeitora de minha mocidade — disse —, ó vós, a quem tanto tempo exclusivamente amei, e que continuais sempre a ser mais cara soberana de minha alma, a que indigna partilha vos faço descer! Ó Maria, divina Maria! Por que me desamparastes? Por que consentistes que a vossa Béatrix caísse vítima das horríveis paixões do inferno? Ai de mim! Bem sabeis que sucumbi, sem luta, à paixão que me devora! Hoje é irremediável, Maria, está tudo para sempre acabado! Já não vos servirei, pois já de servir-vos não sou digna. Irei esconder de vós o eterno pesar de meu crime, o dó eterno da minha inocência, que nem vós própria podeis restituir-me. Consenti, entretanto, Maria, que ainda me atreva a adorar-vos! Compadecei-vos das lágrimas que derramo, e que ao menos provam quanto alheia ficou minha vontade de covardes traições dos meus sentidos! Acolhei a derradeira das minhas adorações como as outras acolhestes. Ou, antes, se o meu zelo pelos vossos altares foi credor de alguma gratidão, mandai à morte a

mísera que vos implora, mandai-lhe a morte antes que ela vos deixe!

Ao concluir essas palavras, Béatrix levantou-se. Aproximou-se, tremendo, da imagem da Virgem Santa, ornou-a com flores novas, guardou as que acabava de substituir, e, pela primeira vez, envergonhada do uso piedoso que delas tinha direito de fazer, apertou-as ao coração, e guardou-as em um saquinho bento do seu escapulário para nunca mais dele separar-se. Depois, voltou um derradeiro olhar para o tabernáculo, deu um grito de terror e fugiu.

Na noite seguinte, uma rápida carruagem levou para longe do convento o belo cavalheiro ferido e uma freira infiel aos seus votos, que com ele fugia.

O primeiro ano que se seguiu foi todo dado à deliciosa embriaguez da paixão satisfeita. O mundo era para Béatrix um espetáculo novo, de inexauríveis prazeres. Em redor dele o amor multiplicava todos os recursos da sedução que

podiam perpetuar o seu erro e consumir a sua perdição. Ela saía dos sonhos da voluptuosidade somente para acordar no meio das alegrias dos festins, entre os folguedos dos bailarinos e os cantares dos menestréis. Sua vida era uma festa insensata, em que a voz séria da reflexão, abafada pelos clamores da orgia, teria em vão se esforçado para ser ouvida. No entanto, Maria não havia de todo saído da sua memória. Mais de uma vez, nos preparativos de sua toalete, os seus dedos abriram irrefletidamente o escapulário. Mais de uma vez tinha deixado cair no murcho ramalhete da virgem um olhar e uma lagrima. Mas de uma vez tinha a oração chegado aos seus lábios, como a chama oculta rompe às vezes as cinzas que a abafam. Mas neles a oração se havia apagado sob os beijos do sedutor. Entretanto, mesmo em seu delírio, um secreto sentimento lhe dizia que uma oração ainda a poderia salvá-la.

Não tardou em convencer-se de que só há amor duradouro quando purificado pela religião,

que só o amor do Senhor e de Maria está livre das vicissitudes dos nossos sentimentos, que, único ente todas as afeições, ele parece crescer e fortificar-se com o tempo, enquanto os outros ardem e consomem-se tão depressa nos nossos corações de cinza. Todavia, ela amava Raymond tanto quanto podia amá-lo. Mas chegou um dia em que ela reconheceu que já não era por ele amada. Esse dia fez-lhe prever um outro mais horrível: o dia em que seria de todo abandonada por aquele por quem abandonara o altar. Esse dia tão temido chegou. Béatrix achou-se sem apoio na terra e — ó, mísera! — sem apoio no céu.

Em vão procurou em suas recordações um consolo, um refúgio em suas esperanças. As flores do escapulário haviam murchado como as da felicidade. A fonte das lágrimas e da oração estava seca. O destino que Béatrix havia preparado para si acabava de cumprir-se. A pobre mulher aceitou a sua condenação eterna. Quanto mais de alto se cai no caminho da virtude, tanto mais

ignominiosa e irremediável é a queda. Assustou-se a princípio com o seu opróbrio; por fim, a ele se acostumou, pois despedaçada estava a mola de sua alma.

Quinze anos assim correram, e nesses quinze anos o anjo da guarda, que o batismo dera a seu berço, o anjo de fraternal coração que tanto a amara, cobriu-se com sua cinza, e chorou.

Oh! Quantos tesouros esses anos fugitivos consigo levaram! Inocência, pudor, mocidade, beleza, amor, essas rosas da vida que só uma vez florescem, e até o sentimento da consciência que compensa todas as mais perdas! As joias que outrora a haviam ornado, ímpios tributos pagos pela devassidão ao crime, foram-lhe por algum tempo um recurso, que pouco devia durar. Ficou só, desamparada, objeto do desprezo de todos e de si própria, entregue aos insolentes desdêns do vício, e odiosa à virtude, exemplo asqueroso de infâmia e de miséria que as mães mostravam aos seus filhos para desviá-los do pecado.

Cansou de viver às expensas da piedade, de receber somente as esmolas que uma piedosa repugnância às vezes prendia nas mãos da caridade, e de ser socorrida por pessoas que coravam envergonhadas e desviavam-se para dar-lhe um bocado de pão. Um dia, envolveu-se nos seus andrajos, que em outros tempos tinham sido ricos vestidos, e resolveu ir esmolar os alimentos do dia e o asilo da noite de quem nunca a tivesse conhecido! Felicitou-se por ocultar a sua infâmia no seu infortúnio, e partiu, pobre mendiga, não levando por fortuna senão as flores que outrora arrancara ao ramalhete da Virgem, e que, uma por uma, em poeira se desfaziam sob seus áridos lábios. Béatrix ainda era moça. Mas o opróbrio e a fome tinham impresso em sua fronte esses horríveis vestígios que revelam a velhice prematura. Quando o seu rosto, pálido e mudo, implorava as esmolas dos que a encontravam, quando sua mão alva e delicada abria-se estremecendo para receber os seus donativos, ninguém havia que não percebesse que outro

deveria ter sido o seu destino na terra. Os mais indiferentes paravam diante dela com um amargurado olhar que queria dizer: “Ó minha filha, como caíste?”. E o olhar da miserável nada lhes respondia, pois de há muito tempo que já não podia chorar.

Caminhou por muito tempo. Muito tempo! Sua peregrinação só com a morte deveria ter fim. Um dia, especialmente, tinha percorrido, desde o raiar do sol, pela encosta de uma escavada montanha, uma vereda perigosamente íngreme, sem que o aspecto de alguma casa viesse consolar o seu cansaço. Tivera por único alimento algumas insípidas raízes, arrancadas das fendas dos rochedos. Seu calçado acabava de cair aos pedaços de seus pés ensanguentados. Sentia-se desfalecer de fadiga e de penúria, quando, à noite fechada, de repente excitou sua atenção o aspecto de uma comprida fileira de luzes que anunciavam uma vasta habitação e para as quais se dirigiu com todas as forças que lhe restavam. Mas ao sinal

argentino de uma sineta, cujo som o seu coração despertou numa singular e vaga recordação, apagaram-se ao mesmo tempo todos o seu ímpeto, e em torno dela não mais houve do que noite e silencio. Deu, entretanto, mais alguns passos, com os braços estendidos, encostando as suas mãos trêmulas em uma porta fechada. Aí firmou-se um momento para tomar folego, e procurou segurar-se para não cair. Mas os seus débeis dedos a enganaram e resvalaram na madeira, atraídos pelo peso do seu corpo.

— Ó Santa Virgem! — exclamou — por que te abandonei?

E a infeliz Béatrix desmaiou sobre o umbral da porta.

Quão leve é aos culpados a cólera de Deus! Noites assim expiam uma vida inteira de desordens! O frio ativo da madrugada mal começava a nela reanimar um sentimento confuso e doloroso da existência, quando percebeu que não estava só. Uma mulher, ajoelhada junto a ela,

levantava-lhe a cabeça com cuidado, e contemplava-a com inquieta curiosidade, aguardando que de todo voltasse a si.

— Deus seja louvado! — disse a boa rodeira³. Pois já a esta hora nos manda uma obra piedosa por fazer, um infortúnio a que acudamos! É ocorrência de feliz agouro para a gloriosa festa da Virgem Santíssima que hoje celebramos! Como, porém, vos não lembrastes, minha cara, de puxar a sineta, ou de bater na porta? Não havia hora em que as vossas irmãs em Jesus Cristo não estivessem prontas para receber-vos. Bem, bem! Não me respondais agora, pobre ovelha perdida! Fortificai-vos com este caldo que a toda pressa aqueci, logo que vi o vosso estado. Provai deste generoso vinho que dará calor ao vosso estomago e flexibilidade aos vossos doloridos membros. Fazei-me sinal de que vos achais melhor. Bebei, bebei tudo, e agora, antes de vos levantardes,

³ Encarregada do serviço de integração entre as pessoas no convento.

cobri-vos com esta manta que aqui vos deitei nos ombros. Ponde entre as minhas mãos a vossas mãozinhas tão frias para que, aquecendo-as, lhes faça voltar o sangue e a vida. Já sentis como ao meu sopro os vossos dedos vão se desentorpecendo? Oh! Daqui a pouco estareis restabelecida.

Repassada de ternura, apertou Béatrix as mãos da digna freira, e por diversas vezes levou-as aos lábios.

— Já me sinto boa — disse-lhe. — Já me sinto em estado de ir agradecer a Deus o haver-me encaminhado para esta santa casa. Todavia, para que vos eu possa abranger nas minhas orações, tende a bondade de dizer-me onde estou!

— E onde estareis — respondeu-lhe a rodeira —, senão no convento de Nossa Senhora dos Espinhos Floridos? Pois nestes ermos, a cinco léguas em redor, não há outro mosteiro.

— Nossa Senhora dos Espinhos Floridos! — exclamou Béatrix com um grito de alegria louco, acompanhado pelos sinais da mais profunda consternação. — Nossa Senhora dos Espinhos Floridos! — tornou a dizer, inclinando a cabeça para o seio. — Compadeça-se de mim o Senhor!

— Como, minha filha! — disse a caridosa hospitaleira —, pois não o sabeis? Verdade é que de bem longe pareceis vir, pois nunca vi vestido de mulher que se parecesse com o vosso. Mas Nossa Senhora dos Espinhos Floridos não limita a sua proteção aos habitantes desta terra. Não ignorais, se dela ouviste falar, que é boa para todos.

— Conheço-a e servi a ela — respondeu Béatrix. Mas de bem longe venho, como dizeis, minha madre, e não é de admirar que os meus olhos não reconhecem logo essa morada de paz e de benção. Ah! Sim, aqui estão a igreja e o claustro, ali os espinheiros em que tantas flores colhi. Ah! Como ainda são cobertos de flores!...

Bem menina ainda era quando os deixei! Era no tempo — prosseguiu levantando a cabeça para o céu com essa expressão resoluta que dá ao remorso do cristão a abnegação de si próprio —, era no tempo em que Irmã Béatrix servia de guardiã da santa capela. Recordai-vos disso, minha madre?

— Como posso ter esquecido, filha, se Irmã Béatrix ainda é a guardiã da santa capela? Se até hoje ficou conosco, e ficará ainda longos anos para edificação de toda a comunidade? Se, depois da proteção da Santa Virgem, não conhecemos apoio mais seguro no céu?

— Não falo dessa — atalhou Béatrix, suspirando amarguradamente. — Falo de outra Béatrix, que acabou a sua vida no pecado e que, haverá dezesseis anos, desempenhava essas mesmas funções.

— Deus, que é bom, vos não há de castigar dessas insensatas palavras — disse a rodeira, achegando-a para o seu peito. — A penúria e a

enfermidade, que alteram o vosso espírito, perturbam a vossa memória com essas tristes visões. Há mais de dezesseis anos que resido neste convento, e nunca conheci outra guardiã da santa capela, a não ser irmã Béatrix. Além disto, já que estais decidida a apresentar a Nossa Senhora as vossas devoções, ide, irmã, e aos pés do tabernáculo já achareis irmã Béatrix, e facilmente a reconheceréis, pois quis a divina bondade que, ao ficar mais velha, ela não fosse perdendo a graça de sua mocidade. Virei buscar-vos e não vos deixarei até vosso completo restabelecimento.

Concluindo essas palavras, recolheu-se a rodeira para o claustro. Béatrix chegou-se vacilando para a escada da igreja, ajoelhou-se no adro, inclinou a cabeça até o chão. Depois, animou-se um pouco, levantou-se, e de coluna em coluna alcançou a grade, e aí caiu ajoelhada. Através da nuvem que lhe obscurecia a vista, tinha vislumbrado a irmã guardiã, que estava de pé diante do tabernáculo.

Pouco a pouco, a freira se aproximava dela, fazendo a sua costumeira visita do santo lugar, devolvendo a vida às lamparinas que ameaçavam extinguir-se, substituindo as grinaldas da véspera por novas grinaldas. Béatrix não podia acreditar no que via. Essa freira era ela própria, não aquela a quem os anos de vícios e desespero haviam transformado, mas a que deveria ser na inocência dos seus primeiros anos. Seria uma ilusão produzida pelo remorso? Seria algum milagroso castigo antecipado sobre os que lhe reservava a celeste maldição?

Na dúvida, escondeu a cabeça nas mãos, encostou-a imóvel aos varões da grade, balbuciando com a extremidade dos lábios as mais ternas das suas orações de outrora.

E, entrando, continuou a aproximar-se a irmã guardiã. As dobras de seu vestido já tinham roçado nos varões. Béatrix, apavorada, nem se atrevia a respirar.

— És tu, querida Béatrix — disse a freira com uma voz de tanta doçura que nenhuma palavra humana poderia exprimir. — Não preciso ver-te para te reconhecer, pois as tuas orações se dirigem a mim tais quais outrora eu as ouvia. Há muito que te esperava. Como, porém, contava como certa a tua volta, tomei o teu lugar no dia em que me deixaste, para que ninguém percebesse a tua ausência. Sabes agora o que valem os prazeres e a ventura, cuja imagem te havia seduzido, e não voltarás a partir. Estamos unidas pelo século e pela eternidade. Volta, pois, cheia de confiança para o teu lugar entre as minhas filhas. Acharás na tua cela, de cujo caminho não estás esquecida, o hábito que havia deixado, e com que revestirás tua primeira inocência de que elas são emblema. Esta é uma graça pouco comum, que eu devia ao teu amor, e que obtive e reservei para o teu arrependimento. Adeus, irmã guardiã de Maria. Amai a Maria como ela te tem amado!

Era, com efeito, Maria. E quando, confusa, Béatrix levantou para ela os olhos lavados em pranto, quando para ela estendeu os braços palpitantes, rendendo-lhe ações de graça cortadas de soluços, viu subir a Santa Virgem ao degrau do altar, abrir a porta do tabernáculo, sentar-se em sua celeste glória, por sob a sua aureola de ouro, e por sob as grinaldas de flores de espinho.

Béatrix estava comovida em extremo quando desceu ao coro. Ia ver novamente as suas companheiras, cuja fé havia atraído, e que, isentas de culpa, tinham envelhecido na prática de seu austero dever. Insinuou-se por entre as freiras, cabisbaixa, e prestes a humilhar-se com a reprovação que lhe manifestassem. Com o coração vivamente agitado, prestou atento ouvido às vozes das freiras, e nada percebeu a seu respeito. Como nenhuma delas havia reparado a sua ausência, nenhuma deu atenção à sua volta. Precipitou-se aos pés da Virgem Santa, que nunca lhe parecera tão formosa, e que parecia sorrir-lhe.

Nos sonhos de sua vida de ilusões, nada havia concebido que de tamanha felicidade se aproximasse.

A divina festa de Maria (pois julgo ter dito que tudo isso se passava no dia da Assunção) foi celebrada com um recolhimento e um êxtase de que mal teriam dado ideia as mais belas solenidades anteriores a essa comunidade de virgens imaculadas como a sua rainha. Umhas tinham visto desprender-se do tabernáculo luzes maravilhosas. Outras tinham ouvido confundir-se o cantar dos anjos com os seus cânticos piedosos, e tinham parado respeitosas para não perturbar a celeste harmonia. Diziam com mistério que havia, nesse dia, festa tanto no paraíso como no mosteiro dos Espinhos Floridos, e por fenômeno admirável nessa estação, todos os espinheiros dos arredores tinham tornado a florescer, de modo que por toda parte tudo era primavera e deliciosos perfumes. É que uma alma tinha voltado ao seio do Senhor, purificada de

todas as enfermidades, de todas as ignomínias da nossa condição, e esta é a festa mais agradável aos santos. Uma única inquietação obscureceu, por um momento, a inocente alegria das servas da Virgem. Uma pobre mulher, que em tudo mostrava sofrimento e angústia, tinha-se sentado pela manhã nos umbrais do mosteiro. A irmã rodeira a tinha visto, e lhe dado imperfeitos socorros. Tinha-lhe preparado uma cama macia e tépida em que descansasse os membros débeis e enfraquecidos pelas privações, e depois tinha-a inutilmente procurado. Essa infeliz havia desaparecido sem deixar vestígio algum. Pensava-se, porém, que irmã Béatrix a houvesse visto na igreja em que se refugiara.

— Sossegai, minhas irmãs — disse Béatrix, comovida a ponto de chorar com esses ternos desvelos. — Sossegai — prosseguiu, apertando nos braços a irmã rodeira. — Vi essa pobre, e sei o que foi feito dela. Pois, minhas irmãs, está ela

agora feliz, mais feliz do que merecia, e do que tereis podido esperar.

Essa resposta acabou com todas as inquietações. Causou, porém, espanto, pois era a primeira palavra severa que da boca de Béatrix se tinha ouvido.

Desde então, toda a existência de Béatrix passou-se como um só dia, como esse dia do porvir que está prometido aos eleitos do Senhor, sem prazeres, sem saudades, sem temor, sem mais comoções (pois delas nunca de todo se eximem os corações sensíveis) do que a devoção para com Deus e a caridade para com os homens. Viveu um século sem nunca mostrar haver envelhecido, porque só as paixões más envelhecem os corpos: a vida dos justos é perpetua mocidade...

Todavia, faleceu Béatrix — ou, antes, adormeceu — serena no breve sono do sepulcro que separa do tempo a eternidade. A igreja honrou sua memória com gloriosa recordação, pondo-a entre os seus **santos**.

CRÉDITOS



Título: A LENDA DA IRMÃ BÉATRIX.

Autor: Charles Nodier (1780 – 1844).

Título original: “La légende de Soeur Béatrix”, 1838.

Tradução de autor desconhecido do séc. XIX. Texto publicado, originalmente, no periódico carioca “O Brasil” entre 15 e

24 de janeiro de 1848. Pesquisa, atualização ortográfica e adaptação textual: Paulo Soriano.

Imagem da capa: Artemisia Gentileschi (1613 – 1618).

Ilustrações: Gustave Staal (1817 – 1882).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 63.

Direitos: Original e tradução de domínio público (art. 41, caput da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Ano: 2018.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/>

<http://www.contosdeterror.site/>,

<http://www.contosdeterror.com.br/>